

PENSANDO COM A IMAGEM

Tia, o que você tá fazendo aqui? Pesquisar é caminhar para decifrar paradoxos...

Angela Francisca Caliman Florio

Somos convidados pela experiência estética a caminhar para decifrar paradoxos que dizem respeito à nossa vida. Questionamentos que cruzam os caminhos entre arte, ciência e filosofia diante da existência: como a repetição não pode existir sem a diferença, e, inevitavelmente, a diferença não pode prescindir da repetição?

A repetição confere à experiência uma dimensão estética que, segundo Deleuze não se confunde com a comemoração de uma partida ou de uma chegada, mas com a criação de caminhos sem memória. Se a repetição dá potência à diferença, então, o que repetimos não é o *idêntico*, ela dá passagem ao pensamento. A diferença só se realiza na repetição porque é por meio da repetição que ela vai se multiplicando. Isso não tem nada a ver com a idéia de soma. Ao multiplicar-se, a diferença já foi; não subsiste a qualquer posição do tipo *é*. Ela não faz ponto. É nesse sentido que Deleuze trabalhou em cima da natureza do *acontecimento*. Segundo ele, é o único capaz de destituir o verbo *ser*, aquilo que determina o que *é*. O sujeito da experiência é quem prolifera a diferença trazendo o novo e, na medida em que ele vai repetindo, repetindo, repetindo, ele vai diferindo, diferindo, diferindo. Repetir é *devenir*.

Pesquisar o cotidiano escolar, a partir da experiência de nossos personagens mirins, é caminhar para decifrar paradoxos, perceber na *repetição* processos de criação. Apesar do que é dito "sobre" o cotidiano como sendo um dia igual ao outro, queremos afirmar, juntamente com Deleuze, a partir do seu conceito de *repetição*, a capacidade de criação das crianças e o potencial que elas têm para transformar as relações com os *espaçotempos* em que a vida escolar é tecida, diariamente:

- Tia, o que você tanto escreve aí? **(1)**

(Paulo)

- Ela tá escrevendo coisa da gente... (Viviane) **(2)**

- Você não vai tirá foto hoje, não? (Murilo)

- Ô gravadô, ô gravadô, eu vim aqui só pra ti vê e você só tá mi filmando, né? (Daniel)

- Pra quê que você quer minha foto, tia? Me dá ela, tia, eu não tenho nenhuma em casa! (David)

- Você trouxe minha foto hoje?

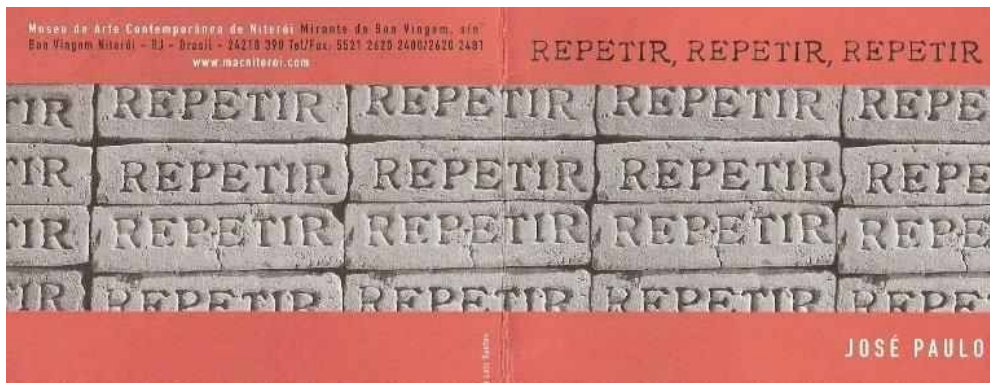
Eu quero mostrá pro meu pai. (David)

- Você num vai gravá hoje, não? Ele está com defeito. Então grava no celular. O meu tio tem um que grava a voz da gente. (Eduarda)

- Você foi na sala do meu primo, né? Você não vai ficá na minha sala hoje não? (Cristielen)

- Tia, você num vai gravá hoje, não? Ah! Grava. Eu queria ouvir minha voz. (Vitória)

- Ah! Você contou mentira pra nós! Olha a luz vermelha. Ela tá gravando! Ela tá gravando! (João)



O que você tá fazendo aqui, tia? **(3)** Ela é professora. Ela ensina... **(4)** A resposta do Rogério fala de sua experimentação. Sua resposta disparou meu pensamento, potencializando uma escrita desse acontecimento. "Ela ensina" lança uma suspeita sobre o suposto lugar de poder ocupado pela pesquisadora. Rogério coloca em questão o pensamento dogmático traçando uma linha que não quer representar nem uma nem outra, a

professora *ou a* pesquisadora. Ele traça uma linha que salta entre elas pronta para criar pondo em uso um devir minoritário criador de acontecimentos. Fazendo circular um conjunto de intensidades. Nesses encontros, novas formulações aparecem na pesquisa mudando seu rumo e sua direção, no entanto o que aparece não é da ordem do esperado, é o novo, a diferença.

Nesse meio perdemos nossa identidade: ela é o que mesmo? Professora ou pesquisadora? Não sabemos, mas coisas que passam entre ambas e que não é uma síntese do tipo professora-pesquisadora. São linhas que se cruzam e se atravessam e as fazem funcionar juntas, num co-funcionamento: fui caça e caçadora – uma presa fácil.



NOTAS:

(1) No princípio, eu fazia alguns registros em sala. Ao ficar constrangida passei a fazê-los em casa.

(2) Pela segunda vez, eu havia me esquecido de trazer sua foto. Toda vez que ele me via, me perguntava: “Tia, você trouxe hoje?”. Eu já estava no centro de Vitória, quando me dei conta de que havia me esquecido de novo – voltei lá em casa e levei suas fotos

(3) Lorena.

(4) Rogério.

REFERÊNCIAS:

DELEUZE, Gilles. Diferença e Repetição. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Relógio D'água, 2000.

sobre o(a) autor(a):

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFES.
Professora da Rede Municipal de Vitória, ES.